

O APRENDIZADO DA ORTOGRAFIA NA OBTENÇÃO DA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS

Juciara Medeiros Silva Chagas¹

Nayara Alcantara²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo trazer uma reflexão em relação a obtenção da norma ortográfica nos anos iniciais, atentando-se ao modo de como essas informações são compreendidas pelos alunos e como o alfabetizador deve refletir sobre os “erros” ortográficos cometidos pelos mesmos, mostrando a problemática existente dentro da sala de aula quando a língua materna é deixada de lado. Dessa maneira, o professor acaba não obtendo o sucesso desejado na aquisição da escrita em sua língua materna. Por isso, o estudo se faz relevante para que o docente tenha em mente o conhecimento que o aprendiz traz, demonstrando a importância na sua vida escolar, pois nela está presente as diversidades dialetais que são capazes de enriquecer as práticas inovadoras para o conhecimento do ensino da linguagem e da escrita de ortografia no local de ensino. Sendo assim, essa pesquisa se propõe a evidenciar o quão é necessário o docente preparar seu trabalho com a finalidade de fazer o aluno refletir sobre a norma ortográfica.

Palavras-chave: Ortografia. Erros. Anos Iniciais.

THE LEARNING OF SPELLING IN THE ACHIEVEMENT OF WRITING IN THE EARLY YEARS

Abstract

This article aims to reflect on the attainment of the orthographic standard in the early years, paying attention to the way in which this information is understood by the students and how the literacy teacher should reflect on the spelling "errors" made by them, showing the problem that exists within the classroom when the mother tongue is left aside. In this way, the teacher ends up not getting the desired success in the acquisition of writing in his mother tongue. Therefore, the study is relevant for the teacher to keep in mind the knowledge that the learner brings, demonstrating the

¹Graduada em Letras pelo UGB/FERP.

²Mestranda em Ensino pelo Centro Universitário de Volta Redonda. Especialista em Língua Portuguesa, Gestão e Docência Escolar e Gestão e Docência em Ensino Superior pelo UGB/FERP.

importance in their school life, as it contains dialectal diversities that are capable of enriching innovative practices for teaching knowledge of language and spelling writing in the teaching place. Therefore, the aim here is to show how it is necessary for the teacher to prepare their work in order to make the student reflect on the spelling rule.

Keywords: Orthography. Mistakes. Early Years.

Introdução

O presente artigo demonstra que a qualidade do aprendizado de ortografia nos anos iniciais do ensino fundamental é de suma importância, levando em conta o modo que será reproduzida a norma ortográfica para os alunos e como eles assimilarão. O modo que a ortografia é apresentada aos alunos depende exclusivamente do ponto de vista que o docente tem a respeito dos sinais gráficos. Melhor dizendo, ele pode ter uma percepção da escrita como um símbolo e, nesse caso, o aluno irá recorrer ao processo de memorização para ter um bom rendimento. De outro modo, percebe-se como um sistema que retrata onde irá diferenciar o sistema alfabético da norma ortográfica e observará que, para grafar “como se deve”, por exemplo, o aluno tem que internalizar (e não somente memorizar) várias particularidades da ortografia de sua língua, para assim poder prosseguir.

Posteriormente, com a compreensão, a criança precisa perceber que não ocorre uma conexão direta entre letras e sons, de acordo com Pessoa (2012). A autora ainda acrescenta sobre a noção de elevação do conhecimento do educando em relação a ortografia da sua língua, exemplificando, podemos inquirir: quando o principiante é capaz de obter total conhecimento em determinada norma ortográfica? Quando esse “erro” vai ser cometido?

Diante de tal fato, os discentes devem compreender que, no período da aquisição da escrita, existe uma regra ortográfica que delimita as capacidades neste momento. Essa percepção do aprendiz deve ser mediada pelo professor no período da explicitação da ortografia. Segundo Pessoa (2012), o discernimento da ortografia,

por ter cunho social, não seria de fácil percepção para a criança. Por isso, é de suma importância que o docente tenha um entendimento dos tipos de “erros” ortográficos apresentados pelos seus alunos, que ele tenha consciência para fazer com que eles ponderem de modo lógico sobre a norma.

Ademais, com a evolução dos estudos linguísticos e com a implantação do letramento, a tarefa de ortografia aplicada em sala de aula tem ficado mais escassa. Paralelamente, alguns tem como entendimento que trabalhar com ortografia seria o ressurgimento de uma abordagem tradicional de ensino. No entanto, o debate mais pertinente não é a presença ou ausência do ensino da ortografia, mas como a ortografia deve ser ministrada.

Dessa forma, é preciso ter a compressão que a norma ortográfica é uma convenção social e não ocorre como uma exigência na letra/som, ou seja, não segue princípios lógicos. Por esse motivo, a criança não tem como perceber essa conexão sozinha, possuindo assim a necessidade que o professor venha a intermediar nesse processo de aquisição da aprendizagem. A ortografia não se restringe apenas ao momento de uma reprodução de atividades, textos, reescrita de palavras, por intermédio de ditado, entre outras atividades ortográficas, que não sejam eficazes para o aluno adquirir conhecimento. É imprescindível que o professor busque exercitar com tarefas sobre ortografia, mais específicas, para que esse aluno adquira esse aprendizado.

Diante do exposto, o objetivo dessa pesquisa foi fazer uma análise em relação aos erros da norma ortográfica, ocorridos na obtenção da escrita, nos anos iniciais do aprendizado, tendo em mente como o discente recebe essa compreensão, de acordo com o ponto de vista do docente. Por isso, destacamos as seguintes questões: o aprendiz vai obter uma compreensão clara onde irá ocorrer uma aprendizagem; ou por outro lado uma aprendizagem mecânica, onde só será possível através de memorização para obter bom rendimento.

Sendo assim, foi demonstrado a importância da escola ao auxiliar os discentes a compreenderem os casos de regularidades e irregularidades, para uma reflexão sobre o conhecimento, de modo que seja tratado individualmente e também

acompanhado da norma ortográfica. Para tanto, se fez necessário destacar a importância do docente, uma vez que esse pode criar momentos nos quais os estudantes possam argumentar, refletir e tornar claro o que realmente sabem sobre a norma ortográfica de sua língua.

Nessa perspectiva, em relação a metodologia, esse artigo foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica onde foram utilizados materiais como artigos e livros, servindo assim como base para dar sustentação ao estudo que abordaremos a seguir.

O processo do aprendizado de ortografia

É primordial nos atentarmos sobre as dificuldades encontradas na maioria dos alunos, nas quais a ocorrência dos erros ortográficos são frequentes. Uma das observações contempladas pelos autores, de forma clara, é a maneira que são explicitadas pelos docentes as normas ortográficas e como serão compreendidas pelo educando. Para Pessoa (2012), a criança tendo o domínio da notação alfabética, percebe assim que não ocorre uma ligação entre letras e sons, por exemplo: quando se deve ser grafado com “M” ou com “N” para sinalizar nasalização após uma vogal?

Os autores Ricardo (2008) e Cagliari (2006) argumentam sobre a percepção dos “erros” dos alunos, na visão de “certo” ou “errado”, mas sim de acordo com a conduta que o aluno e professor devem empregar na sala de aula. Sendo assim, a leitura e os recursos didáticos específicos podem ser utilizados pelos professores como um modo de encaminhar as suas metodologias distintas, para assim, através das mesmas, ocorra uma diminuição de reaparecimento dos “erros” nas escritas dos discentes.

Conforme Cagliari (1999), as pessoas que leem muito e que tem bastante contato com a escrita, com o passar do tempo, acabam tendo menos dificuldades em escrever corretamente, de acordo com as regras ortográficas, visto que a maioria das dificuldades aparecem naquelas palavras que são grafadas com pouca

frequência no uso textual. Isso ocorre quando o indivíduo não tem costume de ler e escrever, e, dessa forma, as dificuldades aparecem constantemente e de maneira mais extensa.

Uma das problemáticas existentes dentro da sala de aula ocorre quando a língua materna é deixada em segundo plano. Além do mais, a escola não trabalha em cima do conhecimento do aluno, que já traz internalizado na sua fala, das pessoas pelas quais tem contato, para assim melhor ensinar o que se deve dentro do ponto de vista da criança. Ao ter contato com a escola, a primeira coisa que aparece é o abecedário e uma fala diferenciada que não tem costume de ouvir, sendo uma das consequências que aparecem e acabam não deixando o professor de alfabetização obter o sucesso esperado no ensino de aquisição da escrita em língua materna. Logo, tanto a escola como o professor não podem esquecer que, quando a criança tem o seu primeiro contato com a escola, ela já leva consigo uma bagagem que obteve no decorrer de sua caminhada.

Dessa maneira, é retratada a relevância do ensino de ortografia na aquisição da escrita, tendo em mente que o conhecimento que a criança traz é muito importante para a sua caminhada na vida escolar. As diversidades dialetais trazidas por elas são capazes de fazer com que enriqueçam as práticas inovadoras para o conhecimento do ensino da linguagem e da escrita de ortografia no local de ensino. A partir dessa análise, o aluno passa a ter mais vontade de aprender ortografia, pois foi estimulado a entender de maneira mais clara e, com isso, o professor deve valorizar esse conhecimento linguístico, o que irá trazer uma visão melhor de como esse docente deverá trabalhar cada erro, de acordo com a necessidade de cada discente.

Ao refletir sobre o que foi dito anteriormente, ponderamos que a intenção não foi apenas indicar os erros, mas sim levar o professor a pensar sobre os “erros”, cometidos pelas crianças na alfabetização, e como vão ser trabalhados na sala de aula a seu favor, ensinando os mesmos a se autocorrigir. O professor deve ter conhecimento fonológico para perceber na hora que se deparar com o “erro”, identificando assim o que levou a criança a praticá-lo.

Ademais, observa-se que é através de um texto que o escritor expõe sua sapiência, do mesmo modo que ouve e reproduz as palavras que fazem parte de seu dia a dia. Por esse motivo, o trabalho fonético para a correção dos erros linguísticos é uma ótima ferramenta para o alfabetizador. Ainda assim, a ortografia não é a única de grande importância, mas também a coesão, a coerência, apesar de não fazerem parte da intenção do que foi proposto anteriormente.

Portanto, o professor terá grande chance de ponderar, para assim executar seu aprendizado de fonética e fonologia nas aulas que serão ministradas com leitura e escrita, mediada pelo docente, por ter conhecimento, estando assim capacitado para explicar o porquê do erro e não somente sinalizá-lo.

Dessa forma, é essencial que o alfabetizador saiba que a ortografia apenas explica como o processo ortográfico deve produzir a grafia das palavras, posto que sabendo expressar corretamente os sons das letras, a criança terá capacidade para se autocorriger, impedindo que os erros ortográficos persistam em algumas situações, até mesmo tendo auxílio de diversas fontes e materiais com fácil disponibilidade para se orientarem e, também, buscando ajuda com o próprio docente.

Os alunos devem perceber, durante o processo da aprendizagem da escrita, que existe uma convenção (norma ortográfica) que limita as possibilidades, ao escrever. Essa descoberta deve ser facilitada pelo professor durante o ensino da ortografia, visto que o conhecimento ortográfico, por ter um caráter social, é algo que a criança não conseguiria descobrir sozinha. (PESSOA, 2012, p.154)

O Docente, o Discente e o Aprendizado de Ortografia

Primeiramente, quando falamos de um ensino de forma mecanizada, onde o aprendiz tenha que decorar para que obtenha um bom rendimento no seu ensino, o mesmo acaba não adquirindo esse conhecimento de forma correta e, como consequência, desencadeia a falta de fixação desse aprendizado.

Para Melo (2010), as tarefas quando trabalhadas de forma mecânica em sala de aula torna-se algo vago e não fixado na mente do aprendiz, sendo restringida na

hora que for feita uma correção de palavras. Deste modo, os exercícios desenvolvidos em sala de aula tornam-se irrelevantes para o conhecimento do aluno, por não ter sido incentivado a produzir de forma clara considerações da sua escrita, sendo assim, não é possível criar um aprendizado das regras com a falta de mediação, pois grafar de forma “correta sobre a escrita do aluno não garante ao aprendiz um espaço de reflexão sobre a (orto) grafia como objeto do conhecimento” (LEITE, 2005, p.116).

Assim sendo, é necessário um modo do docente preparar o seu trabalho com a finalidade de fazer o discente pensar sobre a norma ortográfica, para que assim ele entenda a categoria dos “erros” manifestados por eles. Dessa forma, mostrado o erro, o aprendiz terá conhecimento sobre a norma e o que ainda necessita compreender. Essa consciência pode ser facilitada pela atuação de um diagnóstico ortográfico. Segundo Morais (2005), recomenda-se que faça um mapeamento dos alunos, aplicando ditados, de modo que as regras que deseja identificar ocorra nos vocábulos ou de grafia espontânea.

Mas é preciso considerar também que o uso exclusivo da análise de textos produzidos espontaneamente tem suas limitações para os fins de diagnóstico de que estamos tratando. Um dado importante a considerar é que, como o aluno, ao compor seu texto, selecionará as palavras Ortografia na sala de aula, em função de seu repertório vocabular e de certas restrições (gênero, tema, objetivos, interlocutor, etc.), nada garante que em seus escritos apareçam palavras que contenham algumas (ou várias) das correspondências som-grafia que gostaríamos de sondar se ele já dominou. (Morais, 2002, p.51,52)

Ainda de acordo Morais (2005), a notação de textos ditados tem sido a escolha para ser utilizado frequentemente (por exemplo, no início de cada semestre e no final do ano). Outra forma de diagnosticar é a notação sobre ditado de textos produzidos pelos professores, nas quais palavras contidas correspondam as fonográficas como forma de constatar o avanço dos alunos.

Salienta-se que não é para utilizar o ditado para o ensino da ortografia, mas sim para diagnosticar, de modo especial, para que possa ter competência de somgrafia. Apesar de alguns docentes não se sentirem a vontade em utilizar somente textos espontâneos para diagnosticar o que está sendo abordado, a notação de texto ditado é visto como mecanismo de recurso econômico e acelerado, contribuindo para o mapeamento das compreensões ortográficas de todo um grupo-classe. Por isso, seu uso é constante, posto que autoriza obter dados mais seguros sobre o desenvolvimento dos discentes, em cada dúvida ortográfica, o que será do interesse do professor.

Com o ensino tradicional, a escola sempre se importou com a ortografia, sendo repassado para o aprendiz de forma repetitiva e pela memorização: o ditado, o treino ortográfico e a memorização de regras que aparecem nas tarefas direcionadas aos discentes. De acordo com Morais, existem algumas ocorrências ligadas ao ensino de ortografia, onde o professor dita algumas palavras, depois repara os erros cometidos, exigindo assim que as mesmas sejam copiadas inúmeras vezes no caderno dos alunos. É provável que nas lembranças de algumas pessoas estejam bem vivas os chamados exercícios ortográficos que tinham que ser completados lacunas com determinadas letras (memorização de regras). Em ambas as situações, temos a mesma função de aprender ortografia sem ter a necessidade de refletir. O exercício abaixo demonstra bem essa situação:

Quadro 1. Exercício de Português (ortografia): antes de P e B se usa M

1º) Complete com <u>m</u> ou <u>n</u> :			
pe__sou	alca__çaram	ca_po	dese__baraço
co__prido	ba__bu	fu_do	co__tato
bo__de	ta__bor	a_bulância	

Fonte: Adaptado. MORAIS, 2007, p. 63.

Os discentes são apresentados a regra que antes de P e B se usa M e, logo em seguida, são convocados para preencher os espaços vazios com as letras do estudo. Sendo assim, esse tipo de atividade não traz uma reflexão sobre os porquês dos erros cometidos, visto que são apenas corrigidos e não esclarecidos. Para Morais (1998), essa técnica utilizada não ajuda os discentes a pensar sobre a ortografia, apenas demonstra o que eles sabem ou não grafá-las de modo correto, além de estimular um comportamento mecanizado perante a norma ortográfica. De acordo com o autor, se faz necessária uma transmissão de conhecimento que permita os discentes avançarem na competência da norma ortográfica, pois os mesmos serão capazes de se transformar em excelentes escritores, por não ter que ficar sempre em dúvida sobre grafar uma palavra. Desse modo, poderão estar completamente centrados na constituição de um todo do texto.

Conforme foi dito antes, o posicionamento de um lado nega tanto o método tradicional de ensino da ortografia quanto a ausência de ensino da norma. Em ambas as situações observa-se que a escola acaba não ensinando ortografia:

Ou não ensina ou ensina através de estratégia que, na realidade, não ensinam, apenas verificam se os alunos sabem ou não escrever corretamente, como ocorre, por exemplo, no modo tradicional acontecem os ditados nas escolas: as palavras são ditadas, corrigidas e não há nenhuma discussão sobre por que as palavras são escritas de um modo e não de outro. (MORAIS, 1998, p.24)

Sendo assim, para Morais (2007), não é demais salientar que o conhecimento da ortografia não é um aprendizado passivo, mas sim adverso, onde possa ocorrer uma reflexão do aprendiz, para que ele seja capaz de formular possibilidades de como são grafados os vocábulos de forma correta de sua língua. Apesar de não combinar em muitos casos, com a norma ortográfica, essas possibilidades possuem uma logicidade que não podem ser menosprezadas.

Nesse sentido, é importante que a escola auxilie os discentes a entenderem os casos de regularidades da norma ortográfica (aquelas que possuem regras) e ter em mente aquelas que não possuem regras (irregularidades), que são aquelas que

dependem de uma memorização. Entende-se que esse é o papel da escola quando está direcionado ao ensino da ortografia.

A norma ortográfica da nossa língua apresenta casos de regularidades e irregularidades na relação entre sons e letras. Em nossa língua as correspondências regulares podem ser de três tipos: diretas, contextuais e morfológico – gramaticais. A apropriação dessas restrições se dá por meio da compreensão dos princípios gerativos da norma isto é, das regras. A correspondências irregulares por outro lado não apresentam uma regra que ajude o aprendiz a selecionar a letra ou o dígrafo que deverá ser usado. Apenas um dicionário ou a memorização poderá ajudar, nesses casos. (Morais, 1998)

Refletindo sobre o tema proposto, o que pode ser constatado é que, em primeiro lugar, o essencial é estabelecer um conhecimento no qual seja possível tratar, individualmente, os casos de regularidades e irregularidades e, também, as normas ortográficas. Em segundo lugar, o conhecimento sistemático de impasses ortográficos diferentes devem ocorrer em tempos igualmente diferentes.

Segundo Moraes (1998), os docentes devem proporcionar dentro de uma sala de aula circunstâncias de ensino-aprendizagem onde faça com que seus alunos revelem seu conhecimento sobre a norma ortográfica. Ou melhor dizendo, é de suma importância, que o docente crie momentos onde os estudantes sejam requisitados a refletir, argumentar e tornar claro o que realmente sabem sobre a ortografia de sua língua. E, desse modo, ter um entendimento sobre as regularidades e irregularidades da norma ortográfica, como foi citado anteriormente.

Essa perspectiva está apoiada em evidências de que o rendimento ortográfico externamente observável está relacionado à capacidade para explicitar a norma ortográfica. Em outros termos, as crianças que têm desempenho melhor em ortografia são também aquelas que têm conhecimentos elaborados num nível mais explícito sobre as regras e as irregularidades da norma ortográfica. (MORAIS, 1998)

Resultados e Discussão

De acordo com as análises que foram feitas, foi possível perceber que quando a língua materna é deixada de lado, no momento em que o aprendiz é inserido dentro de uma sala de aula, onde o mesmo se depara com o abecedário, ele acaba estranhando e passando a ter dificuldades por ser algo novo, pois é algo que o aprendiz não está acostumado a vivenciar. É algo totalmente diferente do que traz em sua bagagem, de acordo com sua língua materna, pois quando chega dentro de uma escola, já teve uma caminhada, estabelecendo assim uma comunicação com várias linguagens dialetais de seu grupo, onde interpreta a realidade ao seu redor, o que faz com que os docentes não obtenham o sucesso esperado ao ensinar a norma ortográfica.

Ademais, é de suma importância que o docente reflita sobre o ensino da norma ortográfica, deixando de lado o ensino mecanizado no qual o discente tem que memorizar a norma para ter um bom rendimento escolar. Dessa maneira, o que foi observado é que o conhecimento deve ser transmitido a partir da realidade do aprendiz, aproveitando o que foi trazido por ele e utilizando a seu favor, para que ele possa ter uma compreensão mais clara.

Nesse sentido, a escola deve ajudar os discentes a entenderem os casos de regularidades e irregularidades. Os docentes devem proporcionar dentro de uma sala de aula momentos de ensino-aprendizagem, onde faça com que seus alunos reflitam, revelem seus conhecimentos acerca da norma ortográfica para que os mesmos possam identificar o que sabem e suas supostas dúvidas sobre ortografia.

Considerações finais

A pesquisa proposta no artigo foi sobre o aprendizado da ortografia na obtenção da escrita nos anos iniciais, pontuando a dificuldade da aprendizagem dos discentes quando sua língua materna é deixada de lado, passando a ser um ensino feito de forma mecanizada no qual o aprendiz tem que usar uma memorização para que consiga ter um bom rendimento escolar. Por isso, foi entendido que o docente acaba não obtendo o rendimento esperado de seus alunos, pelo fato de menosprezar a bagagem que esse indivíduo traz consigo no decorrer de sua caminhada, até dar início a sua vida escolar.

O modo que a ortografia é apresentada ao aluno depende exclusivamente do ponto de vista que o docente tem em relação aos sinais gráficos, pois se o mediador apresentar uma percepção da escrita como um símbolo, nesse caso, o aluno irá recorrer a um processo de memorização para conseguir um bom rendimento escolar. De outro lado, temos o sistema que retrata onde irá diferenciar o sistema alfabético da norma ortográfica e, isto posto, observará que para grafar “como se deve”, por exemplo, terá que internalizar o conhecimento e não somente memorizar as diversas particularidades da norma ortográfica.

A partir do momento, quando o discente entende que no período da aquisição da escrita existe uma regra ortográfica que limita sua capacidade na escrita, neste momento, essa percepção do aprendiz deve ser mediada pelo professor no período da explicitação da norma ortográfica.

Portanto, ao argumentar sobre os erros e os acertos dos alunos, na visão de “certo ou errado”, o melhor seria tratar de como a junção aluno-professor deve ser empregada em sala de aula, sendo assim a leitura e os recursos didáticos específicos, ferramentas que podem ser utilizadas pelos professores para encaminhar suas metodologias distintas e, por consequência, a diminuição do aparecimento do “erro” na escrita dos mesmos, pois pessoas que leem mais e escrevem bastante, com o passar do tempo, acabam tendo menos dificuldades em

escrever corretamente. Nesse sentido, observa-se que é imprescindível que a escola auxilie os discentes a entender os casos de regularidades e irregularidades, no qual seja possível tratar individualmente, estabelecendo seu conhecimento para com as normas ortográficas.

Mediante o exposto, essa pesquisa procurou mostrar o ponto de vista do professor ao explicitar sobre as norma ortográficas, fazendo com que haja uma reflexão sobre o tratamento dos “erros”. Sendo assim, é de suma importância o docente preparar atividades específicas com a finalidade de fazer o aprendiz a refletir sobre a norma ortográfica, para que assim entenda a categoria dos erros manifestados por ele.

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella. **Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na Sala de Aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando Sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu**. São Paulo: Scipione, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Aspectos da Ortografia**. In: SILVA, Maurício (Org.). **Ortografia da língua Portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17-52.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das Letras: A escrita na Alfabetização**. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 1999

MELO, Kátia; MORAIS, Artur; SILVA, Alexsandro. **Ortografia na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MORAIS, Artur. **Ortografia: Ensinar e Aprender**. São Paulo: Ática, 1998.

SILVA, Alexsandro; Pessoa, Ana Cláudia; LIMA, Ana. **Ensino da Ortografia:** Reflexões Sobre a Língua Portuguesa na Escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.